

## **AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E QUALIFICAÇÃO PARA AS MULHERES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEBATE ENTRE GÊNERO E CLASSE**

Amanda Beduschi Sterzo <sup>1</sup>, Mariléia Maria da Silva <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia - FAED – bolsista PROBIC/UDESC

<sup>2</sup> Orientadora, Departamento de Ciências Humanas – FAED – marileiamaria@hotmail.com

Palavras-chave: relações de trabalho. Gênero. qualificação.

O presente artigo objetiva apresentar uma reflexão sobre as condições de trabalho e qualificação para as mulheres, tomando como recorte as discussões entre gênero e classe, apoiando-se nos estudos de Hirata (2016; 2007), Bruschini (2000; 2007); Bezerra (2014); Neves (2013). Este debate deve ser compreendido nas suas múltiplas determinações quando se analisa a sociedade capitalista, dentre as quais, os estudos de gênero. O interesse nestes estudos explica-se pela necessidade de compreender as condições de trabalho para as jovens pertencentes à modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis<sup>1</sup>. A metodologia para a elaboração do presente trabalho pautou-se por um estudo bibliográfico (GIL, 2002). O recorte temporal compreendeu os anos de 2002-2016, e as palavras-chave foram: reestruturação produtiva, qualificação, gênero e trabalho e classe.

Bruschini (2000; 2007) elabora uma retrospectiva desde a última década do século XX, até 2005, permitindo-nos analisar sob quais contextos e perfis as mulheres foram incorporadas ao mercado de trabalho. As estatísticas estudadas pela autora apontam para o aumento das mulheres dentro da população economicamente ativa devido a quatro fatores: queda da taxa de fecundidade; envelhecimento da população; crescente número de mulheres como chefes de família e o aumento do ingresso feminino nas universidades. Mesmo com o aumento da escolaridade, as mulheres permanecem em guetos ocupacionais (saúde, educação, artes etc) e para as menos escolarizadas, os principais setores são trabalho doméstico, agrícola, comércio, prestação de serviços e indústrias de transformações. Com o fator de envelhecimento da população, como apontam Abramo e Valenzuela (2016), cresce a demanda por cuidadores, nicho de trabalho precarizado e destinado quase que exclusivamente às mulheres. Sendo assim, os fatores levantados como responsáveis pela inserção das mulheres na população economicamente ativa, atrelado à necessidade de complementar a renda familiar, esboçam trabalhadoras mais velhas, casadas e mães, no geral mais escolarizadas que os trabalhadores, mas ainda assim predominando no setor de prestação de serviços.

Ainda na análise histórica, Bezerra (2014) e Neves (2013) pontuam a expulsão das mulheres nos anos 50 aos 70 da indústria. Com a presença das novas tecnologias e a falta de qualificação feminina, as mulheres foram empurradas para a terceirização, em ocupações como escritório, costura, limpeza, alimentação.

A inserção brasileira na economia mundial, vinculada à industrialização fordista até os anos 80, ocorre com a supressão dos direitos trabalhistas e constituição de um mercado de

---

<sup>1</sup> Trata-se da pesquisa “Jovens, trabalho e saberes escolares: o emprego em tempos de flexibilização das relações de trabalho”, que tem por objetivo analisar a relação entre os saberes escolares e a condição de emprego entre os jovens provenientes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Florianópolis.

trabalho desigual, composto por ocupações para homens – operários - e ocupações para mulheres – prestação de serviços. A incorporação do modelo toyotista, intensificada nos anos 90, também só foi possível piorando as condições de trabalho.

A posição das mulheres na divisão sexual do trabalho é bipolar, a menor parcela, escolarizada, ainda ocupa cargos que pedem menor qualificação. Já a maior parte se encontra na condição de terceirizada. Com as novas tecnologias, os postos mais qualificados permanecem com os homens e a qualificação informal do trabalho feminino, dentro do processo de flexibilização, leva à jornadas parciais de trabalho com salários baixos e poucos direitos trabalhistas. Neste debate, Hirata (2007) ressalta dois eixos organizadores: o princípio da separação - existe trabalho de homem e trabalho de mulher; e o princípio hierárquico - o trabalho do homem vale mais. Independente da reestruturação produtiva e das conquistas trabalhistas, permanece a distância entre os sexos. A flexibilização, seja através do trabalho informal, parcial ou doméstico, facilita a conciliação de tarefas, fazendo com que as mulheres se tornem trabalhadoras em tempo integral.

A divisão sexual do trabalho se entrelaça à relação de classe. Mulheres envolvidas com o emprego delegam o trabalho doméstico a outras, em sua maioria em situação precária. Este processo em que um trabalhador precarizado precariza ainda mais outro, tira a responsabilidade do Estado e maquia uma divisão igual de tarefas nos lares. De qualquer forma, quem permanece realizando ou gerindo o trabalho doméstico são as mulheres. Ainda há o caso das imigrantes, que não podem permanecer com seus filhos e se manter economicamente. Hirata chama esse processo de internacionalização do trabalho reprodutivo.

Concluimos que diálogo entre as autoras nos permite compreender como a questão de gênero não pode ser descolada da totalidade da sociedade, já que o sistema capitalista se apropria de todos os mecanismos possíveis em favor da acumulação, inclusive fazendo do patriarcado um de seus alicerces. As mulheres se inserem historicamente no mercado de trabalho em contextos de crise em postos mal remunerados e, independente do crescimento econômico, a divisão sexual do trabalho permanece. A flexibilização das relações de trabalho contribui para que o estereótipo do trabalho feminino continue o mesmo, exercendo no trabalho remunerado a qualificação que aprendeu no contexto doméstico, fazendo dela uma trabalhadora em tempo integral.

### **Referencias Bibliográficas**

- ABRAMO, L.; VALENZUELA, M. E. **Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na America Latina**. IN: HIRATA, H; ABREU, A; LOMBARDI, M. (org). *Gênero e trabalho no Brasil e na França*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Gênero e trabalho no Brasil: Novas conquistas ou persistência da discriminação?** IN: ROCHA, M. I. B. *Trabalho e gênero: Mudanças, permanências e desafios*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Caderno de Pesquisa. vol.37 n° 132 São Paulo set/dez. 2007.
- BEZERRA, Ítala Carneiro. **Particularidades do trabalho feminino: um debate entre o patriarcado e a divisão sexual do trabalho**. Dissertação UFP, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.
- HIRATA, Helena. **Novas Configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v.37, n 132. Set/dez/ 2007.
- NEVES, Magda de Almeida. **Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero**. Cadernos de Pesquisa v.43 n.149 p.404-421 maio/ago. 2013.